

GÊNERO E ENVELHECIMENTO:
A HISTÓRIA DE VIDA DE UMA SERTANEJA

*Maria Espirito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro**

Resumo: O presente trabalho busca compreender a experiência de envelhecimento de uma mulher do sertão de Goiás a partir da realização de uma entrevista de história de vida. A entrevista é analisada a partir do conceito de velhice como processo e o artigo desenvolve uma reflexão sobre a vida das sertanejas à luz da perspectiva de gênero.

Palavras-chave: História De Vida; Mulheres Sertanejas; Processo de Envelhecimento.

* Doutora em História, professora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO),
Goiânia, GO, Brasil.
E-mail: mariarosacavalcante@gmail.com

GENDER AND AGING: THE LIVE-STORY OF A BACKLANDS WOMAN

Abstract: This paper seeks to understand the aging experience of a woman from Goiás backlands, located in Central Brazil, through a life-story interview. The interview is analyzed based on the concept of aging as a process. Thus, under the perspective of gender, this paper reflects on the lives of backlands women (*sertajenas*).

Keywords: Life Story; *Sertaneja* Women; Aging Process.

GÉNERO Y ENVEJECIMIENTO: LA HISTORIA DE VIDA DE UNA SERTANEJA

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo comprender la experiencia de envejecimiento de una mujer que habita el agreste de Goiás a partir de la realización de una entrevista de historia de vida. La entrevista es analizada desde el concepto de vejez como un proceso y desarrolla una reflexión sobre la vida de las sertanejas a la luz de la perspectiva de género.

Palabras claves: Historia de Vida; Mujeres Sertanejas; Proceso de Envejecimiento.

O que de fato estamos nomeando quando dizemos “velhice”? Goldfarb (2009) propõe essa questão fundamental para iniciarmos a discussão sobre o envelhecimento das mulheres sertanejas. Faz-se necessário definir os processos envolvidos no envelhecimento para dar sequência à análise das especificidades do envelhecimento das senhoras do sertão goiano.

A literatura aponta para uma primeira reflexão fundamental: envelhecer é um processo. Trata-se, portanto, de uma etapa do desenvolvimento humano que se constrói desde o início da vida, que se inscreve entre o nascimento e a morte. Pedro Paulo Monteiro lança mão da metáfora do “fluxo do rio” para ilustrar a vida humana: “... este é o princípio da existência, composta por movimento, ritmo e dança compartilhada.” (MONTEIRO, 2003, p. 14). Por que o autor considera fundamental discutir sobre a vida ao falar de envelhecimento? Porque, segundo ele, envelhecer é viver!

Estamos desde a concepção, envelhecendo e vivendo, vivendo e envelhecendo, nunca sendo os mesmos, porque o envelhecer é um processo contínuo de transformação do ser humano como único em seu tempo vivido. (Monteiro, 2003, p. 14).

As noções de movimento e transformação acompanham a discussão de diversos autores sobre o tema. Afirma Goldfarb que

A maior dificuldade para se categorizar a velhice consiste em ela não ser unicamente um estado, mas um constante e sempre inacabado processo de subjetivação, onde a maior parte do tempo não existe um “ser velho” e sim um “ser envelhecendo.” (2009, p. 90).

Além disso, Goldfarb considera a velhice a partir de dois aspectos, um cultural e outro singular. Em um primeiro momento, é possível falar da velhice como categoria, isto é, um aspecto que se refere à homogeneização desse conceito para a cultura. Por outro lado, esse conceito é permeado pela noção de velhice singular, ou seja, “... seu modo peculiar de viver sua velhice” (GOLDFARB, 2009, p. 89). Ademais, a autora acrescenta que para acessar a experiência singular do envelhecimento é preciso haver escuta. Segundo ela, uma definição que tenta reduzir a velhice a uma categoria não abrange toda a complexidade desse fenômeno. Afirma Goldfarb (1998, p. 24):

Vemos, assim, que apesar de existirem sinais mais ou menos universais para cada cultura sobre o que seja a velhice, nem individualmente, nem em conjunto, elas dão conta de uma definição categorizante.

Monteiro (2003) retifica a discussão de Goldfarb (1998; 2009) sobre a peculiaridade que diz respeito ao envelhecimento de cada indivíduo, ao afirmar que “... o ser humano envelhece com o passar do seu próprio tempo, um tempo interno, subjetivo, que pertence a cada um individualmente.” (p. 27) O autor segue dizendo: “... envelhecer é um processo do sujeito que vive o seu próprio tempo, ou seja, é um processo particular e peculiar a cada um.” (p. 57).

Ao discutir sobre velhice é imprescindível abordar os aspectos biológicos e sociais que constituem esse processo. No entanto, é arriscado reduzir o envelhecimento a fatores puramente orgânicos, ou psíquicos, ou sociais. O presente trabalho parte do pressuposto de que o desenvolvimento humano é uma totalidade que envolve a expressão do humano em suas mais diferentes formas, isto é, o biológico, as organizações e representação sociais, os sentidos subjetivos atribuídos às experiências vividas. De modo que essas instâncias configuram a própria existência humana e se apresentam para nós a todo tempo e como um todo indissociável. Sobre o assunto, afirma Monteiro (2003, p. 46):

A velhice biológica nunca é um fato total [...]. Portanto, a velhice não pode ser vista exclusivamente por uma perspectiva biológica, porque o ser humano não é somente uma identidade biológica. É, também, um ser social, cultural, psicológico e espiritual.

A velhice proporciona um momento de encontro consigo mesmo. A qualidade desse encontro depende muitas vezes da qualidade da vida que foi e é vivida, pois se trata do “fluxo do rio”, que se configura a partir dos caminhos percorridos ao longo de seu leito, a partir da velocidade de suas águas, dos obstáculos que encontrou ao longo do percurso, dos recursos dos quais dispõe para continuar em movimento e das possibilidades e caminhos desconhecidos que ainda estão pela frente.

Goldfarb (1998) responde à questão sobre o que falamos, afinal, quando nos referimos à velhice. E responde poeticamente! Para a autora, ao falarmos sobre velhice falamos, sobretudo, da nossa velhice, sobre o velho que desejamos ou tememos ser um dia. Lê-se:

Falamos do velho que temos dentro de cada um de nós, do velho de nossa família, daquele que entrou muito cedo na nossa história e que direciona nosso olhar para todos os outros. Falando de todas as velhices (dos outros) sempre falamos de uma velhice (a nossa) e dos muitos velhos que poderemos chegar a ser. Da velhice que desejamos e da que tememos. Mas, se cada sujeito tem sua velhice singular, as velhices são incontáveis. (GOLDFARB, 1998, p. 13)

Goldfarb (2009) aponta aspectos singulares do envelhecimento, isto é, esse movimento de transformação contínuo pelo qual nós passamos que conta com limites e possibilidades:

De que falamos quando falamos de velhos? Falamos de um sujeito psíquico em constante crescimento e evolução, altamente afetado pela representação de um corpo que deteriora e pela consciência de finitude. Mas estamos falando de um limite não de uma limitação. Limite que será o do corpo biológico que sofre uma involução, mas não daquele outro, que sabemos capaz de prazer, instrumento de amor e que deverá ser incentivado a sentir e se sensibilizar com a proximidade dos outros e a força dos vínculos. [...] Limite, enfim, que não feche a porta à paixão sempre possível. (GOLDFARB, 2009, p. 94).

Para pensar o processo de envelhecimentos das mulheres do sertão de Goiás, foi realizada uma entrevista de história de vida com uma mulher que viveu as décadas de 50, 60 e 70 neste sertão. As mulheres sertanejas possuem histórias marcadas pelo silêncio, uma vez que a palavra, na cultura da época, era ditada pelos homens. Por isso, é preciso um olhar atento, perscrutador dos gestos e falas do cotidiano dessas mulheres para enxergarmos além

do que as narrativas históricas, construídas a partir do sujeito masculino, têm evidenciado, ou seja, para acessarmos outros protagonismos de vida na perspectiva de mulheres que viveram o sertão.

A essa altura é imprescindível esclarecer o que chamamos de mulheres sertanejas. O conceito “mulheres sertanejas” é mais abrangente do que “mulheres rurais” e pode-se referir tanto às mulheres que vivem no campo, quanto àquelas que vivem nas cidades do interior, em regiões consideradas “sertão” e nas quais prevalecem as relações do mundo agrário, de uma cultura comunitária na qual os laços de parentesco, amizade e vizinhança alimentam o cotidiano da vida nestas cidades.

A diferença é muito sutil, pois, se consideramos Sérgio Buarque de Holanda, até as primeiras décadas do séc. XX, as cidades no Brasil são uma continuação do campo. O campo prevalece sobre as cidades. Ainda assim, o rural tem uma conotação mais específica, enquanto que o conceito sertão comporta tanto o rural como pequenas cidades. Portanto, a pesquisa também lança mão de estudos que dizem respeito à vivência da mulher rural, levando em conta que essas descrições são compatíveis com o modo de vida sertanejo.

Sobre a interface gênero e sertão, acrescenta Cavalcante (2004b):

O sentido de sertão é referência da condição de isolamento econômico, político e de comunicação até os anos 70 do século XX, em lugares do norte, nordeste, sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. Convém ressaltar como Azevedo (*apud* Lima, 1999, p. 50), que esta questão do isolamento não se aplica apenas ao Brasil rural, mas a todo o Brasil em relação a outras nações durante o período colonial e no interior da unidade nacional, entre diferentes grupos e instituições. Isolamento que prossegue no século XX. A categoria gênero referencia a experiência do cotidiano de mulheres de uma cultura local, dita sertaneja. Com relação a essa cultura, convém ressaltar com Sergio Buarque de Holanda, quando pontua, em *Raízes do Brasil*, a predominância dos costumes rurais sobre o urbano no Brasil dos anos 30/40, que essa tendência persiste até meados da década de 70 do século XX em alguns lugares do Brasil. (p. 1021).

Por se tratar de uma discussão complexa, foram elencados trechos da entrevista que permitirão uma aproximação empírica com os conceitos de envelhecimento, gênero e sertão.

Cabral (2002) diz que a entrevista de história de vida é uma possibilidade de resgatar memórias que podem ser elaborativas. Para a autora, o encontro entre dois sujeitos é um momento que envolve trocas subjetivas e pode descortinar novas possibilidades para o ser em envelhecimento. Sobre a riqueza da fonte oral, acrescenta Parente (2002, p. 300):

Através da história oral, com suas diferentes versões sobre um mesmo período, cada pessoa, valendo-se dos elementos de sua cultura, socialmente criados e compartilhados, conta não apenas o que fez, mas o que gostaria de ter feito, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez. As fontes orais são únicas e significativas por causa de seu enredo, ou seja, representam um caminho através do qual os materiais da história são organizados pelos narradores.

A entrevistada estabelece uma ordem cronológica ao longo do seu percurso, que será respeitada nessa análise. A entrevista tem início com a pergunta: “Conte-me sobre você,

sua história de vida, Dona Amanda”, ela responde: “Ixi (sic)... mas tem tanta coisa!” e segue contando sobre o seu nascimento em uma fazenda no interior de São Paulo, sendo a filha mais nova dentre vários irmãos e irmãs. Ainda criança, mudou-se para o interior de Goiás.

Amanda diz ter sido uma criança obediente, pois tinha medo dos castigos impostos pelos seus pais:

É! Castigo! Num batia assim de tirar sangue não, era mais ajoelhado num, num...(tenta lembrar a palavra)

No milho, outra hora amarrava na perna da gente e a gente passava a noite amarrada no pé da mesa, castigo... Aí num fazia mais nada, porque... Porque tinha medo!

Amanda relata que sua mãe era muito severa, enquanto o pai era mais “brincalhão”. Sobre sua adolescência descreve um episódio em que a irmã mais velha cortou o cabelo que, segundo ela, era a paixão de seu pai:

Eu lembro de uma vez que meu pai não queria que a Dilma, minha irmã, a mais velha, cortasse o cabelo; ela tinha o cabelo uma coisa mais linda do mundo, loiro e todo ondulado assim, sabe? A coisa mais linda, e ela foi já tava moça e foi pra Santo Expedito, cortou o cabelo. Nossa!! Mas quando ela chegou, ele pegou um bocado de vara... esse dia ele quase matou ela. Falou: *Você nunca mais, você me desobedece!* Foi! *Nunca mais você me desobedece!*

A entrevistada disse que a irmã cortou o cabelo porque era “danada”, pois sabia que iria apanhar. Interessante aqui pontuar a forma como o pai de Amanda manifesta sua autoridade. Levando-se em conta as questões de gênero implicadas, a surra da filha pode ser interpretada como uma forma de o pai delimitar qual o seu espaço e qual o espaço da filha. O pai utiliza a surra como recurso que traz de volta para si o papel de autoridade responsável pelas decisões da família. Esse episódio retrata a força do pátrio poder da época, que evidencia o “poder” do pai até mesmo sobre o corpo das filhas, aqui representado pelo cabelo. Podemos compreender o corte de cabelo da irmã de Amanda como um ato de rebeldia, uma afronta à autoridade paterna. Embora a surra represente o poder do pai sobre a filha, a violência não tem o poder de reverter a situação, isto é, o cabelo já está curto e, de certa forma, o pai fica impotente perante a atitude da filha. Talvez a fúria do pai esteja relacionada, justamente, ao sentimento de impotência provocado pela ação da filha.

Um aspecto marcante do discurso de Amanda sobre sua infância e mocidade é a descrição da dinâmica de sua casa. Ela conta que o pai era comerciante e que sua casa era sempre muito movimentada. Segundo Amanda, havia um cômodo grande no qual os fornecedores ou clientes de seu pai sempre se hospedavam. A casa movimentada refletia na rotina de trabalhos domésticos das mulheres da família. Amanda, as irmãs e a mãe estavam sempre envolvidas em uma rotina de trabalho árduo, que começava cedo e só cessava com o pôr do sol. Assim, ela diz:

Tinha um *tachão* assim de cobre e punha três pedaço de tijolo e punha aquele *tachão* lá e até que este doce saturava... Quando você acabava de fazer este doce você tava que não aguentava, aqui nos braços, de esfregar aqueles fundo de tacho. Com a colher de pau,

porque só tinha colher de pau, não existia nem colher assim... *Colherzona* não... Colher de pau... E tinha uns bolos que minha mãe fazia, tal de *brevidade*. Sangue de Jesus, como era difícil amassar esta *brevidade*, você batia assim com a mão (faz o gesto para demonstrar o que está falando)... Enquanto tivesse cheirando ovo, não tava boa a tal da *brevidade*... O trem você punha assim na boca também, o trem derretia assim na boca de tão gostoso que era... Mas dava um trabalho... E coitadinho do que fizesse qualquer teimosia no final de semana, a *brevidade* era daquela... Quem amassava a *brevidade* era quem fazia, teimava... Era custoso, terminava você tava com o braço que não aguentava, de dor no braço... Nossa! No dia que falava que ia fazer a *brevidade*, não sei se porque era muito... Era amassada numa gamela, de pau, porque quase que não existia bacia também, existia mais era gamela, para amassar bolo. Ei!!! Até você dar conta de bater esse trem pra ficar sem feder ovo, pra pôr nas formas, era tipo bolo, era gostoso, mas era trabalhoso.

Pelo discurso de Amanda, percebe-se que as mulheres da família eram muito empenhadas em realizar os serviços domésticos com “perfeição”. É possível que a dedicação das mulheres sertanejas a estes serviços esteja ligada ao fato de o espaço doméstico estar intrinsecamente relacionado ao espaço do feminino naquela época. A severidade da mãe na manutenção da organização da casa talvez indique que a casa é o local no qual a mãe, também privada de autonomia pelo marido, pudesse exercer algum poder. Desse modo, vê-se estabelecida uma hierarquia que intitula a mulher como a responsável pelo espaço doméstico e a mãe como aquela que dita as regras do trabalho para as filhas. Ao mencionar como eram lavadas e passadas as roupas na época, esse tom de perfeccionismo também fica evidente. Amanda fala da mãe como a responsável por verificar se o serviço estava sendo realizado com zelo, caso contrário, a mãe exigia que recomeçassem a atividade. Talvez esse aspecto esteja relacionado à imagem de mãe severa que Amanda diz ter tido, como podemos observar nesse trecho da entrevista:

E era tudo passado! Passava até os panos de prato tudo, diz que é porque se não dava doença. Agora hoje o povo pega roupa sem passar e (risos) veste. Minha mãe não deixava não, até os panos de prato tinha (*sic*) que ser passadinho, passadinho... Se não vai enxugar e... Minha mãe era assim, nós (*sic*) lavava roupa, ela ia no varal e ia peça por peça. *Essa aqui tá boa, ficava, essa aqui não tá, vai pro tanque, essa aqui não tá, tanque.* Ia escolhendo, as que tivesse limpinha ficava no varal as que tivesse suja tinha que lavar de novo... Aí a gente já sabia que não adiantava lavar mal lavado que depois ela ia lá e trazia de volta pra você lavar. Então vamos lavar logo bem lavado, porque... Nossa, não aceitava uma roupa sem ser estendida no arame, se não fosse do avesso, tinha que ser tudo do avesso e você apanhava a roupa, primeiro se passava a roupa do avesso, pra depois você passar ela do outro lado. Tinha que passar duas vezes, se fosse passar uma blusa, primeiro tinha que passar ela do avesso, depois direito...

Muitas vezes a noção de trabalho como castigo também está presente nos relatos da entrevistada. O episódio da “*brevidade*”, acima citado, é um exemplo. Outro fato curioso, que diz respeito tanto à relação de Amanda com o trabalho quanto à sua relação com o irmão mais velho, é o descarregamento do caminhão de algodão. Amanda diz que como esse serviço não era tão “pesado”, seu irmão mais velho dizia que só levaria as irmãs para a festa se elas descarregassem o caminhão.

Sob a perspectiva de gênero observa-se que, como homem e mais velho, o irmão tinha autoridade para impor regras. Era ele que acompanhava as moças nas festas da cidade, afinal, como a condição civil das mulheres sertanejas era, muitas vezes, cerceada, Amanda e as irmãs não tinham autonomia para irem sozinhas para a festa. Ademais, era preciso realizar uma troca: trabalhar para garantir o direito de ir à festa. Aqui cabe uma análise sobre o trabalho das mulheres, nesse contexto, que parece adquirir uma conotação “supérflua”, dispensável, afinal, se elas não quisessem descarregar o caminhão, outros homens iriam fazê-lo. A consequência para elas seria a não permissão de comparecer na festa.

Ao que parece, quando o trabalho do mundo masculino é assumido pela mulher, sofre uma desqualificação: não é “pesado”. Desse modo, o trabalho passa de necessário a supérfluo e a mulher, então, é vista como uma figura dispensável na manutenção da economia familiar. O desmerecimento do trabalho feminino como “ajuda” está presente nesse episódio vivido por Amanda. Aos olhos do irmão, representante do gênero masculino, o serviço proposto não era “pesado”, poderia facilmente ser realizado por uma mulher e, além disso, ganhou uma conotação de favor, afinal, era ele que as acompanhavam nas festas.

O comportamento que o irmão mais velho exigia das irmãs nas festas é também interessante. Diz Amanda:

E falava assim, que aí, depois vocês vão arrumar confusão... Ele falava, eu vou levar, mas chegar lá ó, cês já sabem... Quem que vier tirar vocês pra dançar tem que ir. E dava confusão mesmo. Ou você não dançava nenhuma, com ninguém, ou senão você dançava com todo mundo... (risos).

Mais uma vez as relações díspares entre os gêneros evidenciam-se. Os homens escolhiam as mulheres na dança e elas tinham um poder de escolha bastante reduzido: elas não poderiam decidir com quem dançar, deveriam acatar o pedido de todos os homens ou não aceitar o convite de nenhum. A possibilidade de dizerem “não” a um homem não era bem vista no contexto cultural sertanejo. Amanda acrescenta que aquela irmã que rejeitasse um pedido era mandada embora para casa pelo irmão, sob o argumento de evitar confusão com os rapazes que ela rejeitasse.

Essa imposição do gênero masculino sobre o feminino não ocorre, contudo, sem resistência por parte das mulheres. As sertanejas encontravam maneiras de contornar essas situações nas quais pareciam estar desprovidas de poder. No relato da história de vida de Amanda essas artimanhas se fazem presentes. De modo bastante singular, ela encontra maneiras de realizar suas vontades sem criar confrontos diretos com os homens. Tomemos como exemplo esse momento da entrevista:

Ia pra festa, mas quase não dançava nada... Teve uma vez que eu fui e aí enjeitei um e ele pôs (sic) eu pra casa na hora. Falou então: “cê vai pra casa agora!” E tive que ir embora. Se enjeitasse, era enjeitar e ir embora. Mas aí neste dia eu tava querendo ir embora... (risos)... Também não ia dançar com aquele cara, todo bêbado. Falei: não vou dançar! E outra coisa também, além de ele tava (sic) bêbado, ainda levou uma menina pra dizer que queria casar comigo, aí eu não gostava dele, e ele veio me chamar e além de bêbado eu não era muito xará dele, vou já é embora logo, que! Hum, a vida era sofrida sô...

Nesse trecho é notório o modo como Amanda usa da regra estabelecida, pelo irmão, para satisfazer sua vontade de voltar para a casa. A entrevistada negou o pedido do rapaz que não lhe interessava e, com isso, voltou para casa. A ordem de deixar a festa foi do irmão, mas a atitude dela provocou a reação do irmão, que era condizente com a sua vontade naquele momento.

Durante a entrevista, Amanda também relata como foi a relação com namorados durante a mocidade. Ela chegou a ficar noiva, mas não deu continuidade ao relacionamento, pois seu pai não aprovava o rapaz. A entrevistada diz ter tido dois namorados: com o primeiro ela terminou o namoro e noivado e o segundo foi o homem com quem ela se casou. Um episódio curioso aconteceu com o ex-noivo de Amanda: poucos dias antes de ela se casar, ele sofreu um acidente e faleceu. A entrevistada disse que começou um boato na cidade no qual se afirmava que ela teria ficado viúva antes de se casar. Diz Amanda:

Tinha ficado viúva antes mesmo (risos). Ainda surgiu o boato que eu tinha (não conclui). Uma vez o Carlos, virou pra mim e disse: Dona. A. eu tenho vontade de perguntar uma coisa para senhora e hoje eu vou perguntar...Falei, Uai! Pode perguntar! – Diz que a senhora ficou viúva antes de casar, eu falei, Que história é essa? O namorado, o ex- namorado meu morreu, eu já tinha terminado com ele.

É possível notar que a entrevistada responde ao comentário com certa rispidez. Insinuar que ela teria ficado viúva poderia também ser uma insinuação a respeito de sua virgindade, valor tão caro à sociedade da época. A honra é uma qualidade primordial, que deve ser preservada pela mulher em uma sociedade de poder dos homens como a sertaneja. A entrevistada toma o boato como uma ofensa e é objetiva ao dizer que ele foi apenas seu namorado, não chegou a se casar com ele. Portanto, fez questão de pontuar, em outras palavras, que sua virgindade estava preservada.

Amanda dedica grande parte da entrevista a falar sobre seu casamento com Moacir. A decisão do casamento parece estar pautada em um sentimento recíproco, pois ambos namoravam quando se conheceram e terminaram os namoros para se casarem. Também se notam alguns valores de Amanda na escolha do noivo.

Segundo ela, Moacir “não bebia e era muito da igreja”, o que a motivou a casar-se com ele. A entrevistada disse que sua vida ficou mais fácil depois do casamento, pois na casa dos pais trabalhava muito. O que será que teria ficado mais fácil? Talvez, como a casa do pai era muito movimentada, os serviços domésticos de sua casa fossem menores em comparação à casa anterior. No entanto, ao longo da entrevista, Amanda continua descrevendo uma rotina de trabalho árduo em meio à falta de recursos do sertão. Pode-se dizer que, de certa forma, Amanda agora é a dona da casa e isso lhe confere algum grau de autonomia, embora o marido fosse considerado a autoridade da casa. Finalmente, ela não estava mais sob os auspícios de sua mãe, que era exigente com as filhas, quanto aos trabalhos domésticos.

Segundo relata Amanda, ela foi uma moça bonita e seu marido sentia muito ciúmes. Ela diz ter sido vaidosa, mas acredita que, devido ao nascimento das filhas, e depois de um aborto espontâneo e algumas doenças, perdeu a vaidade, pois já não tinha mais tempo para cuidar dela mesma. Diz que tinha um cabelo comprido e bonito, mas teve que cortá-lo, pois

trabalhava muito e não tinha como cuidar dele. Em semelhança ao caso da irmã, ela teve que pedir permissão para o marido para cortá-lo e conta que ele se arrependeu por ter permitido, pois gostava muito do cabelo dela.

Como mãe, Amanda afirma que foi muito severa. As filhas chegavam a dizer: “parece madrasta!”. Ela conta que teve que ser muito rígida, pois fazia o papel de pai e de mãe, já que Moacir parecia ser menos ríspido com as filhas. Segundo ela, como ele não as corrigia, cabia a ela fazê-lo. Interessante apontar que a descrição de Amanda, a respeito da dinâmica da família que ela formou, assemelha-se muito à dinâmica familiar de seus tempos de criança, pois ela descreve a mãe como severa e o pai como brincalhão.

Nas brigas com o marido, fica evidente a maneira como Amanda usualmente lida com conflitos: a entrevistada não o enfrentava diretamente. Ela relata um dia em que Moacir ficou furioso porque havia perdido o documento de identidade e a acusou de ter jogado seus documentos no lixo:

Eu tava fazendo janta, que ele não ficava sem janta de jeito nenhum, aí ele virou e falou assim: *Você jogou minha carteira, varreu minha carteira de identidade no lixo*, e eu tô calada, meteu a mão no coiso do fogão, o fogão tinha uma beiradas assim, uma asas... Meteu a mão, na beirada do fogão, e caiu lá no chão: *Você não presta nem pra responder!* Eu falei: *Uai! Cê não disse que quando você fala tem certeza...*

Amanda não discordava do marido. Por outro lado, não se portava de maneira submissa, alheia às chateações que ele lhe causava ou às suas vontades, que eram contrárias ao gosto de Moacir. Ao dar continuidade à sua fala acima citada, Amanda relata como reagiu às acusações do marido a respeito de seus documentos:

Eu gostava de puxar a rédea dele quando estava só nos dois, que ele tava mais calmo... Aí de noite, depois que fechava o quarto aí a coisa engrossava... Aí ele vinha pro meu lado, e eu: *pode deitar no seu cantinho lá... Cê passou raiva em mim o dia inteiro agora vem me alisando?* (risos) – *É, mais o quê que eu fiz? – O quê que você fez?* Isso, isso, isso e isso!! Aí eu descontava... Chegou minha vez (risos), agora é minha hora...

O que se evidencia nesse trecho chama a atenção, especialmente quando nos lembramos que Amanda solicitava permissão do marido para cortar o próprio cabelo. Parece que ela encontra uma forma de exercer seu contrapoder na relação conjugal: frustrar as expectativas de Moacir quanto às relações sexuais quando ele a magoava ou a tratava com desrespeito. Fica claro na fala da entrevistada que à medida que Moacir “passa raiva” nela, como diz, ela “desconta” privando-o de relações sexuais.

Nota-se, portanto, que a entrevistada assume na relação com o marido uma posição menos verticalizada, na qual também impõe suas regras e condições. Não é possível saber se a rejeição às investidas de Moacir lhe garantia que seus desejos seriam mais respeitados, mas fica evidente que ela estabelecia uma relação de contrapoder com o marido. As atitudes desrespeitosas dele para com ela acarretavam em consequências desagradáveis para ele.

Ainda sobre o casamento, Amanda recorda-se de um único episódio em que se enfureceu com o marido. Na ocasião da reforma de sua casa, Moacir fez uma pintura que respingou na

cerâmica recém-trocada e também não executou as modificações segundo as vontades dela. Nesse dia, Amanda diz que Moacir ficou muito assustado com a reação dela. Segundo Amanda, ele afirmou que “parecia que ela estava com ‘aquilo’ no corpo”. Ela diz que realmente ficou muito exaltada.

Ao relatar a cena, a entrevistada se emociona, diz que se arrepende e pede perdão para o marido (que faleceu). A sua exaltação pode estar relacionada à frustração de reformar a casa exatamente da maneira como tinha planejado. A expressão da fúria contra o marido talvez tenha ocorrido por Amanda tomar para si a responsabilidade de decidir o que deveria ser realizado na reforma e como, uma vez que o espaço doméstico é compreendido como predominantemente feminino.

Uma lembrança alegre de seu casamento é a data das bodas de prata. Amanda conta sorridente que Moacir estava muito feliz, mais feliz do que no dia do casamento (conta ressentida que no dia do casamento o marido bebeu e estava com cara de quem não queria ter se casado). Amanda diz que as núpcias que não aconteceram no dia do casamento, aconteceram nas bodas de prata. Esse trecho nos mostra o quanto ela sentiu-se realizada a partir da felicidade do marido. Ela fala, nas entrelinhas, que o encontro sexual do casal parece ter acontecido, de fato, vinte e cinco anos depois. Esse acontecimento a deixou feliz, talvez por estar sentindo-se realizada e valorizada como mulher após tantos anos de casada.

É possível supor que o sentimento de felicidade de Amanda também esteja relacionado com a realização do projeto feminino de gênero, uma vez que o casamento e a maternidade estavam no cerne desse projeto até muito recentemente. Ao celebrar as bodas de prata, Amanda confirma que o seu “dever” de mulher havia sido cumprido e, portanto, estava de acordo com as expectativas sociais no que diz respeito à trajetória das mulheres sertanejas.

O trabalho tem uma presença relevante no discurso de Amanda. Na infância, com o intenso trabalho doméstico na casa dos pais, e quando casada, com o labor na própria casa e com a educação das filhas. Mas a importância do trabalho na vida de Amanda vai além. Desde cedo, ela trabalhava no comércio de seu pai. Segundo ela, sempre gostou de trabalhar no comércio, inclusive como forma de escapar aos serviços de casa.

Depois de casada, Amanda diz que trabalhou no comércio do marido, embora ele sentisse ciúmes e se queixasse dessa situação. Contudo, Amanda negociou mais uma vez com Moacir a possibilidade de realizar seu desejo. Argumentou que trabalhava no ramo há muitos anos e, além disso, não tinha se casado para ficar “presa dentro de casa!”. A entrevistada disse que, “com o tempo”, Moacir percebeu que não havia necessidade de enciumar-se e tornou-se mais flexível quanto ao fato de ela trabalhar fora do lar, isto é, no próprio comércio deles.

Um nível maior de independência ainda foi conquistado por Amanda. A entrevistada passou a administrar seu próprio comércio. Ela descreve a situação vivida com o Moacir, que a motivou a buscar sua própria renda:

Desde o dia que eu pedi um dinheiro pra ele, eu lembro como hoje eu falei pra ele: M., tô numa dor de cabeça, eu queria um remédio, precisava comprar um remédio lá na Dona Helena. Ele tirou o dinheiro, quando eu cheguei ele virou pra mim e falou: Cadê o troco? Eu falei: Troco? Troco de quê, que cê me deu o dinheiro mal deu pra mim comprar o remédio, eu fiquei foi devendo, cêta pedindo troco... Falei: Eu não peço mais não. Eu era meio opiniosa.

Amanda conta que desde criança tinha vontade de ter as próprias coisas, não gostava de pedir dinheiro para o seu pai. Aos nove anos, quando iniciou o trabalho no comércio do pai, exigiu dele que ganhasse uma quantia mensal de dinheiro, já que o estava auxiliando com as vendas. Mais uma vez, a habilidade de negociar com os outros a possibilidade de realizar seus desejos se fazem evidentes. Amanda ainda era criança, mas tinha um senso de independência e, especialmente, independência financeira aguçado, o que tornou difícil para ela prestar contas ao marido. Talvez esse senso de independência que a mobilizou a trabalhar com o pai também tenha motivado o investimento no próprio negócio. A partir de um dinheiro que lhe foi concedido pelo seu pai, Amanda tomou a seguinte iniciativa:

Ai ele arrumou, pegou e vendeu um trator, me deu o dinheiro, aí eu peguei o dinheiro, mandei pro nordeste, mandei trazer umas blusas bordadas do nordeste, aí estas blusas vinham pelo correio, fazia um sucesso, fia. Aí eu mandava o dinheiro de novo, punha o dinheiro numa cartinha, num envelope e mandava pro Ceará, a minha concunhada comprava, mandava pelo correio, aí eu vendia aquele, aí um dia eu resolvi: *Vou pra São Paulo*, por isto que eu falo pra você que eu era decidida. Eles: *Quê que você vai fazer no São Paulo...* Eu falei: *Vou comprar roupa pra vender*, - Ah, *cê não vai não*, eu falei: *Vou! Eu vou, não vou ficar dependendo de homem! Nunca dependi de ninguém!*

Vê-se pelo relato contundente de Amanda que a independência financeira é muito valorizada por ela própria. Além de atribuir bastante valor ao trabalho e à própria renda, Amanda organiza-se para que sua independência financeira se efetive. Como estava decidida a investir no comércio de roupas, pois afirma que sempre foi uma pessoa decidida, Amanda fez por onde realizar seu projeto. Diz:

Ah, eu devia ter uns vinte e cinco, uns vinte e cinco anos... Pegava o ônibus aqui e ia pra Anápolis, de Anápolis ia pra São José do Rio Preto, e de lá, eu ia pra São Paulo... E aí vinha aqueles pacotes de coisas, nos ônibus, aí depois surgiu as excursão. Aí eu já ia com a *excursão*. Ia pra Goiânia de Goiânia eu ia pra (*não conclui*). Todo mundo ficava admirada de eu sair sozinha e eu ia sozinha e Deus, e minha *oração* e os terços na mão. E aí, graças a Deus, nunca aconteceu nada comigo, nunca. Só uma vez que um cara começou com gracinha comigo, mas o motorista cortou ele (*sic*) também e eu nunca contei isso para o M.... Depois ia cortar minhas viagens.

Foi preciso enfrentar os pais, que disseram: “cê não vai, não!” e, também, negociar com Moacir. Interessante notar como Amanda observa o que o marido considera imprescindível na rotina doméstica e, para que ele não a impeça de dar continuidade ao trabalho e às viagens, age de modo a corresponder às expectativas dele:

Mas aí eu já fazia o seguinte [...] fazia bolo, enchia os vidros de bolo, enchia tudo de doce, tudo pra ele comer, passava, lavava roupa. O dia que eu ia pra São Paulo mesmo, eu passava quase a noite inteira... Lavava a roupa todinha e passava tudinho porque uma coisa que ele brigava era roupa amarrotada... Tudo na vida podia acontecer, casa bagunçada, comida fora de hora... Mas que não desse uma roupa amarrotada, pra ele não, que a briga era feia... Bem passada... Era única coisa que ele tinha implicância, de na linha... Era a única coisa que ele era implicado [...]. E eu saía e deixava tudo assim, ele gostava de tudo combinando, fazia

assim, a calça, a camisa a cueca e as meias, sapato engraxado, no jeitinho só dele pegar, a chinela do lado da cama mesmo, aí ele não ficava não, eu podia ir, eu ia ficava dois dias, ia embora, chegava, aí ele comia na casa da mãe dele... Mas fazer comida ele não fazia não...

É evidente a importância que o trabalho assume na vida de Amanda que, para dar continuidade ao seu empreendimento, assumiu uma jornada tripla de trabalho: organizar a casa de acordo com a vontade e os hábitos do marido, cuidar das filhas (que na ocasião das viagens ficavam na casa de parentes) e dedicar-se ao seu negócio. Além de um desejo pessoal de empreender, a possibilidade de não recorrer ao marido para pedir dinheiro também motivava Amanda nessa rotina.

Ademais, um fator importante mencionado pela entrevistada é que ela gostaria de investir no estudo das filhas. Segundo ela, por parte de Moacir não havia incentivo para que elas estudassem, mas Amanda estava decidida a trabalhar para contribuir com a formação das meninas. O trabalho e a renda própria apresentam-se como uma possibilidade de afirmação da autonomia e reafirmação da identidade de Amanda. Com muito tato, conciliou as atividades com Moacir e com as filhas, a resistência dos pais e do marido e, até mesmo, os problemas intrínsecos ao manejo de seu empreendimento. Foi capaz de realizar seu desejo de ser independente e de propiciar autonomia às filhas por meio dos estudos. Ao olhar para sua própria história, Amanda investe em um futuro diferente para as filhas, talvez aquele que gostaria de ter tido.

Amanda diz que a velhice não é fácil. Ficou viúva após trinta e cinco anos de casada e sente-se muito só. A queixa da solidão remete à discussão teórica sobre a falta de espaços sociais nos quais os mais velhos possam realizar trocas satisfatórias e necessárias a uma vida saudável. A igreja está muito presente no cotidiano dos moradores das cidades ditas sertanejas e desempenha um papel importante no que diz respeito à atuação das mulheres como as responsáveis por organizar as celebrações e festas religiosas. A igreja é um dos espaços sociais mais frequentados por Amanda e onde são mantidos muitos de seus vínculos.

Apesar de os equipamentos sociais voltados para o bem-estar dos idosos e de as políticas públicas, nesse sentido, serem escassas no Brasil, pode-se dizer que Amanda, como moradora de uma cidade pequena do interior de Goiás, desfruta de uma maior liberdade do que outras mulheres que residem em grandes cidades. Essa liberdade refere-se à própria liberdade de locomoção. É possível ir ao banco ou ao médico, por exemplo, com mais facilidade e independência, isto é, dar continuidade aos afazeres cotidianos com maior autonomia; e também ao fato de laços de camaradagem estar muito presente em cidade interioranas, nas quais é possível estabelecer um diálogo mais frequente com os vizinhos ou com algum conhecido que se encontre na rua, por exemplo. Desse modo, talvez as pequenas cidades propiciem às pessoas em processo de envelhecimento a manutenção de laços sociais mais estreitos com a comunidade na qual residem.

Ao final da entrevista, Amanda faz um balanço da sua história de vida e diz que uma das coisas mais difíceis da velhice é a solidão. Além disso, as doenças também a incomodam. Ela afirma que “cada dia aparece uma coisa aqui, outra ali...”. Volta a afirmar que sente muita falta de Moacir, mas que várias coisas boas ficaram da relação deles: ela menciona as filhas e os

netos. Quando Amanda relata um sentimento de solidão, não fica exatamente claro se essa solidão remete à falta do marido ou a uma queixa por falta de amizades ou mesmo porque gostaria de passar mais tempo com as filhas e com os netos.

A partir do relato de sua história de vida, Amanda transmite uma sensação de dever cumprido e satisfação com as coisas que realizou na vida, mas sua perspectiva de futuro parece estar limitada pela proximidade da finitude. Amanda não fala muito sobre vontades ou projetos que ainda pretende realizar, apesar de ter falado com propriedade do que foi capaz de realizar e construir ao longo da vida. Em vários momentos, refere-se ao presente como um momento que não é o seu quando diz, por exemplo: “as pessoas de hoje”, “hoje em dia”.

Por vezes, Amanda expressa certo estranhamento com o tempo presente, ao afirmar: “hoje é diferente!”, “hoje em dia as pessoas vestem roupa sem passar...”, como se o seu tempo fosse o passado, uma vez que lá se encontram seus projetos e suas realizações. Amanda diz pouco sobre seu próprio processo de envelhecimento. Durante a entrevista, priorizou relatar os acontecimentos do passado, como se não considerasse o presente como um espaço no qual pudesse continuar construindo a própria história.

Ao final da entrevista, Amanda demonstra uma sensação de inércia ou impotência diante da finitude. Diz ela: “daqui pra frente é só esperar.” Interessante observar o quanto essa atitude, de certa maneira conformista, se contrasta com a própria história de vida dela. Amanda é uma mulher que se adaptou aos preceitos do feminino tradicional da época: casar-se e ter filhos. Por outro lado, suas realizações não se restringiram a esse modelo.

Além de ser esposa e mãe, ela construiu meios de realizar seu desejo pessoal de trabalhar no comércio e de bancar a própria independência financeira. Para tanto, foi ousada e demonstrou habilidade em negociar com o marido ou quaisquer outras pessoas a realização de seus desejos, sem confrontos diretos. No final da entrevista, quando faz um balanço a respeito de sua vida, o que é priorizado na sua análise é tudo o que realizou nos preceitos de um feminino tradicional. Ao mencionar que “daqui pra frente é esperar”, Amanda fala a partir de um aspecto desencantado do envelhecimento: esse que revela a solidão, a decrepitude do corpo e um sentimento de inércia mobilizado pela proximidade da morte.

O outro aspecto mais ousado presente na sua história de vida não é referendado por ela ao considerar a sua velhice. Amanda volta-se para prescrições sociais tradicionais sem valorizar sua realização pessoal, que ousou dentro de um projeto social. Ao entrar em contato com o próprio envelhecimento, Amanda não leva em conta “a paixão sempre possível...”, que esteve tão presente na sua trajetória de vida. “Paixão” essa que está sempre à espreita, disposta a movimentar as águas do rio de nossas vidas.

Nota

¹ Entrevista realizada em Janeiro/2011 por Melina Borges Rosa Cavalcante. Foram utilizados nomes fictícios para a entrevistada e para as pessoas às quais ela se refere ao longo da entrevista.

Referências

CABRAL, Patrícia. **Idosos reconstruindo-se com suas histórias**. São Paulo, 2002. 107 p. Dissertação de mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CAVALCANTE, Maria E.S.R. Gênero e perspectivas de Pesquisa Histórica no Brasil Central. **Fragments de Cultura**. Goiânia, Ed. PUC GO, v. 14, n. 6, jun. 2004b. p. 1021-1025.

CAVALCANTE, Melina. **Biografia Feminina, Gênero e Envelhecimento**: a vida de uma mulher do sertão goiano. São Paulo, 2011. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Curso de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

GOLDFARB, Delia. Corpo e temporalidade: contribuição para uma clínica do envelhecimento. **Psicogerontologia: fundamentos e práticas**. Curitiba, 2009. p. 89-101.

_____. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer**: Histórias, encontros e transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. 272 p.

PARENTE, Temis G. Mulheres (In) visíveis: cotidiano nos sertões de Goiás no século XIX. **Estudos**: Revista da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, v. 29 (especial), mar. 2002. p. 285-308.

*Recebido em 28 de fevereiro de 2015
Revisado em 05 de novembro de 2015
Aceito em 08 de novembro de 2015*